# Educomunicação e Negritude na oficina de jornal impresso do projeto *Comunicação para a cidadania: tecnologias, identidade, e ação comunitária*[1]

Fernanda Coelho[2]

Cláudia Regina Lahni[3]

**Universidade Federal de Juiz de Fora**

**Resumo:** A mídia massiva tem grande impacto na (re) formulação das identidades e nos conceitos e preconceitos que circulam na sociedade. Tal impacto é potencializado quando nos referimos às minorias, como jovens e negros, mais especificamente, jovens negros. Por isso, iniciativas que busquem a valorização da identidade e cidadania tornam-se tão importantes. Neste artigo pretendemos expor como a temática da negritude foi desenvolvida, através da educomunicação, na oficina de jornal impresso do Projeto *Comunicação para a cidadania: tecnologias, identidade, e ação comunitária.* Dentre os temas da oficina, escolhidos pelos jovens, a negritude era recorrente. Através das discussões e produções acreditamos que a oficina de jornal impresso contribuiu para a valorização da cultura negra e para o exercício da cidadania dos adolescentes.

**Palavras-chave:** Cidadania; Educomunicação; Comunicação Comunitária; Jovens; Negritude.

## Introdução

Apesar de conquistas importantes como a redução das diferenças entre brancos e negros na educação, o Brasil ainda enfrenta desigualdades raciais. Seja no trabalho, na economia, na educação ou na mídia, os negros não ocupam as mesmas posições que os brancos. Apresentamos, mais à frente, dados que comprovam a segregação racial no Brasil.

Na sociedade contemporânea enfrentamos um processo chamado por Hall (2002) de "crise das identidades". O autor explica que os indivíduos estão perdendo seus referenciais e, com isso, perdem o sentido de si. Por isso, esses indivíduos tendem a buscar identificações nos meios massivos e, assim, a mídia adquire papel decisivo na constituição das imagens e identidades coletivas e individuais.

---

[1] Trabalho apresentado no GP Comunicação para Cidadania, X Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Fernanda Coelho é graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Atualmente é mestranda e bolsista Fapemig do PPGCom da UFJF. fernandahauck@yahoo.com.br.

[3] Cláudia Regina Lahni é docente do PPGCOM-UFJF e professora de Comunicação Comunitária na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Foi coordenadora do projeto de extensão em interface com a pesquisa Comunicação para a Cidadania: Tecnologias, Identidade e Ação Comunitária (financiado pela Fapemig). crlahni@yahoo.com.br

Muitas vezes, a mídia de massa contribui para a constituição ou reforço de estereótipos, preconceitos e para a subalternização dos negros. Diante da importância e da influência da mídia na sociedade brasileira, torna-se urgente a busca por uma comunicação mais democrática e plural e menos estigmatizante. Para isso, é importante que cada cidadão se aproprie de seu direito à comunicação.

Nesse sentido, apresentamos a oficina de jornal impresso do projeto *Comunicação para a cidadania: tecnologias, identidade, e ação comunitária*. No projeto os jovens passam de receptores a emissores de informação e podem, assim, ter outro posicionamento frente à comunicação. No presente artigo trataremos especificamente de como a pauta "negritude" foi abordada na oficina e da importância disso para a cidadania dos jovens envolvidos.

## Identidade, identidade negra, mídia e cidadania

Definir, identificar e proteger as identidades culturais em meio a um processo amplo de homogeneização torna-se, hoje, um desafio. A cultura e a identidade negras, assim como outras, estão inseridas num contexto de perda e de mudanças das identidades.

Stuart Hall (2002) questiona as mudanças pelas quais os referenciais identitários passam em meio à globalização. Para Hall, a sociedade enfrenta uma crise de identidade que é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. Hall explica que está havendo uma fragmentação das paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Stuart Hall considera que tais transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados.

> Esta perda de um "sentido de si" estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma "crise de identidade" para o indivíduo. (HALL, 2002, p.9)

A era da globalização, apontada pelo teórico como uma sociedade de mudança constante, rápida e permanente, é caracterizada também pelo estabelecimento da

"sociedade da informação". Assim, vivendo numa sociedade em que a informação é um capital muitíssimo valioso, para que o cidadão sinta-se inserido, é necessário que ele tenha acesso ao poder de informar.

Então, para chegar-se ao pleno exercício da cidadania é preciso alcançar a democratização dos meios de comunicação. A pesquisadora Cicilia Peruzzo acredita que:

> O acesso do cidadão aos meios de comunicação na condição de protagonista é fundamental para ampliar o poder de comunicar. Quando esse protagonismo é desenvolvido pelas organizações de interesse social ocorre uma possibilidade maior de se colocar os meios de comunicação a serviço do desenvolvimento comunitário e desse modo ampliar os direitos à liberdade de expressão a todos os cidadãos. (PERUZZO, 2001, p.26)

Peruzzo vai além. Para ela, atualmente é necessário transcender (e não abolir) a concepção de democratização do acesso aos meios de comunicação. Deve-se tratar agora da democratização do poder de emissão. Segundo ela, democracia no poder de comunicar é condição para ampliação da cidadania em sua dimensão cultural, que por sua vez se entrelaça nas lutas pela democratização das outras dimensões da cidadania, como a econômica e a política. (PERUZZO, 2001, p.19)

As imagens e representações disseminadas pela mídia têm grande importância na construção das identidades. Canclini (2001) afirma que os referentes de identidade se formam, agora, mais do que nas artes, na literatura e no folclore – que durante séculos produziram os signos de distinção das nações -, em relação com os repertórios textuais e iconográficos gerados pelos meios eletrônicos de comunicação e com a globalização da vida urbana. Daí a preocupação com o conteúdo veiculado pela mídia.

Pensando na identidade negra no contexto brasileiro Muranga (2006) afirma que, no Brasil, as culturas, produzidas por várias comunidades, não vivem em territórios segregados. Salvo a realidade das sociedades indígenas com as quais pouco convivemos, adverte o autor, no Brasil contemporâneo existe um processo de transculturação inegável.

> Visto deste ângulo, aqui as cercas das identidades vacilam, os deuses se tocam, os sangues se misturam. Mas, nem por isto devemos sustentar a idéia de uma identidade mestiça que seria uma espécie de identidade legitimadora, ideologicamente projetada para recuperar o mito de democracia racial. Para construir unidade nacional não é preciso unidade cultural (MURANGA, 2006,p. 39).

Conforme Danubia Andrade (2009) o que diferencia os negros dos não-negros, tanto no continente africano como aqui, são os direitos que lhes são negados, os anos de escola que deixam para trás, os postos de trabalhos que devem ocupar, os salários que recebem, os serviços públicos que lhes oferecem, as maneiras estereotipadas e estigmatizadas de suas representações midiáticas e assim por diante.

Andrade explica que o reconhecimento inadequado ou a invisibilidade social podem acarretar opressão e aprisionamento. No caso do negro, durante gerações a sociedade branca construiu e impôs uma imagem depreciativa, enxergando-os como incivilizados e inferiores. A falta de reconhecimento infligiu "uma ferida cruel ao oprimir suas vítimas de um ódio de si paralisante" (p. 31).

O corpo negro, de acordo com a autora, é estigmatizado por traços facilmente identificáveis como a pele escura, o nariz largo, o quadril grande (no caso das mulheres) e os cabelos crespos. Diante destes signos de negritude, o olhar do Outro, bem como o olhar do negro sobre si, perdem-se nas estratégias de significação anteriormente descritas, e enxergam as habilidades para a dança, aptidão para música e ritmo, sexualidade aguçada, inferioridade intelectual e fraqueza de caráter.

Segundo a pesquisadora, em nossa sociedade, o racismo aloja-se em novas modalidades institucionais, encontrando na mídia dispositivo eficaz e sutil para sua propagação. Andrade acredita que além de se estabelecer em relações sociais sob a forma de exclusão, a discriminação racial e as manifestações que depreciam a identidade negra, como representantes do imaginário das elites, têm seu lugar nos conteúdos midiáticos por meio de seus discursos e imagens.

> Entrementes, a mídia não apenas cria novos estereótipos, mas também reitera aqueles difundidos no cotidiano da população brasileira, alimentando-se fartamente de elementos presentes no senso comum. As ideologias dominantes, através do senso comum, tornam um fato socialmente construído em um fato naturalizado. Esta *naturalização* da inferioridade do negro e dos estereótipos a ele vinculados esconde os interesses de determinados grupos em segregar e oprimir. O senso comum, neste raciocínio, foi utilizado pelas elites para desenhar imagens dos negros da maneira mais conveniente para atender aos seus interesses: do bom escravo ao mau cidadão. (ANDRADE, 2009, p. 38)

A autora afirma que o "racismo midiático" também pode ser percebido na invisibilidade dos negros, na negação de sua existência. No telejornalismo, o que se observa, segundo ela, é um destaque momentâneo à questão racial, concedido em data específica, o 20 de novembro, dia da Consciência Negra. Já nas telenovelas, o tratamento do preconceito racial esteve à margem de outros debates sociais, em

detrimento dos temas da corrupção, submissão feminina e homofobia. Este entra em destaque apenas a partir da década 1990 e passa a figurar as tramas protagonistas muito recentemente, nos anos 2000.

Avaliamos que a presença dos negros nas telenovelas, produto midiático de grande impacto, merece atenção especial. Segundo o pesquisador Aluizio Ramos Trinta (2007), a perda de identidade, de que tantos padecem, angustia e deprime, conduzindo o indivíduo moderno a tentar obter, nos meios de comunicação de massa, além de informação e entretenimento, identificações e projeções possíveis, com relação a pessoas, personalidades e personagens, sejam reais, sejam imaginários. Portanto, o conteúdo que as telenovelas veiculam tem de ser pensado e repensado.

Lahni e Figueiredo (2008) explicam que nas telenovelas, geralmente, o número de personagens negros é insignificante se comparado à realidade populacional brasileira, sendo suas aparições relegadas a papéis coadjuvantes e figurantes para romance entre personagens brancos. O afro-descendente somente atuará em papéis principais se houver evidências necessárias de ator negro. Com os filmes nacionais a situação é semelhante.

> A realidade dos filmes nacionais praticamente não difere da situação das novelas brasileiras. O negro ainda é usado como ator ou atriz, para interpretar personagem subalterno, empregados domésticos, motoristas, bandidos, pobres, escravos, favelados, reforçando o que já é mostrado diariamente nas telenovelas. Na tentativa de amenizar essa realidade algumas novelas já mudaram de postura, embora de forma questionável, por exemplo, colocando como protagonista negra a atriz Taís Araújo interpretando Preta, na novela *A Cor do Pecado* em 2004, na Rede Globo. Porém, o número de atores negros foi insignificante e restrito aos personagens centrais. (Lahni e Figueiredo, 2008, p.6)

Diante da não valorização dos negros pela mídia, às vezes, a própria população negra não se aceita e não se reconhece como tal, escondendo características que os definem como negros, como forma de evitar a rejeição, ser aceito mais facilmente em sociedade e incluídos no padrão de beleza europeu. As autoras explicam que atrizes e atores negros não têm a mesma aceitação que os brancos; afro-descendentes os rejeitam e rejeitam sua própria origem, já que foram imbuídos de uma imagem padronizada de beleza, durante anos, diferente da sua. Conforme Canclini (2001) a cidadania já não se constitui apenas em relação a movimentos sociais locais, mas também em processos de comunicação de massa. A mídia tem, portanto, grande importância na construção das identidades e na valorização ou desvalorização de culturas, dentre elas a negra.

**Os negros na sociedade**

O histórico da população negra no Brasil é marcado pela escravidão e, mesmo após a abolição, os negros não alcançaram a liberdade e tão pouco, a igualdade. Atualmente o que vemos no Brasil é uma sociedade que se auto-declara não preconceituosa. No artigo *Ser negro no Brasil hoje*, Milton Santos (2000) usa o pensamento de autores como Florestan Fernandes e Octavio Ianni para explicar o preconceito em nossa sociedade. Segundo eles, entre nós, feio não é ter preconceito de cor, mas manifestá-lo. Por isso, Santos conclui que toda discussão ou enfrentamento do problema torna-se uma situação escorregadia.

Ribeiro (2004) explica que embora os negros no Brasil sejam considerados minoria, assim como homossexuais, mulheres, povos indígenas e atualmente ambientalistas, é apenas no sentido de inferioridade simbólica ou contrário da maioria como voz ativa. No caso dos afro-descendentes brasileiros, especificamente, essa norma se aplica apenas nesse sentido, de não ter voz ativa, porém, em termo quantitativo-populacional o Brasil é em sua maioria mestiço e negro. O negro, mesmo sendo maioria na sociedade, ficou renegado à minoria.

Segundo dados da publicação Síntese de Indicadores Sociais (2000) que reúne informações de pesquisas do IBGE, em 1999, a população brasileira era composta por 54% de pessoas que se declararam brancas, 5,4% de pretas, 39,9% de pardas e 0,6% de amarelas e indígenas. Apesar da expressividade numérica da população negra ou parda no Brasil e de algumas melhorias, as desigualdades continuam. Na educação e no trabalho os negros ainda têm menos oportunidades que os brancos. Os negros também estão mais expostos à violência.

As diferenças referentes à educação diminuíram nas duas últimas décadas, mas ainda são significativas. Em 1999, a taxa de analfabetismo das pessoas com 15 anos de idade ou mais era de 8,3% para brancos e de 21% para negros e a média de anos de estudo das pessoas com 10 anos de idade ou mais é de quase seis anos para os brancos e cerca de três anos e meio para negros.

Apesar dos avanços nas últimas décadas na área da educação, com declínio do analfabetismo e aumento da escolarização e da escolaridade média, há muito que se fazer para alcançarmos níveis de qualidade, eficiência e rendimento do ensino compatíveis com as necessidades atuais e futuras de empregabilidade e de exercício da cidadania para a população jovem e negra.

A reportagem "Um tiro no futuro", da revista *Carta Capital* de dezembro de 2006 (edição 424), assinada por Phydia de Athayde, apresenta constatações que revelam a segregação social e racial que assolam nosso país. As vítimas são fundamentalmente homens negros. Os jovens negros têm um índice de vitimização 85,3% superior aos brancos. Nessa perspectiva, em que todos parecem que se tornam inimigos, a sociedade tem de encontrar um "bode expiatório": os jovens, os jovens negros que moram na periferia, que são vistos pela sociedade ao mesmo tempo como as grandes vítimas e grandes agentes da violência. A partir daí, Phydia de Athayde levanta uma questão muito importante: os jovens que são mortos nas favelas com certeza não são todos criminosos e mesmo que fossem isso não significa que devessem morrer. A verdade é que o jovem pobre vive em um ambiente conflagrado e, mesmo que não seja criminoso, fatalmente está mais exposto ao crime.

Levando em consideração os dados acima o professor Jaílson de Souza e Silva (2006) sintetiza: ser negro, jovem e morador da periferia ou da favela é portar um *kit estigma* que gera um risco cotidiano de perder o direito mais fundamental do ser humano, o de sobreviver. Segundo Silva, encontrar caminhos para combater esse fenômeno talvez seja a questão mais relevante para a construção de uma vida mais digna e humana nos grandes centros brasileiros atuais. E na busca de melhor se compreender este fenômeno, cabe levar em devida conta o papel dos grandes meios de comunicação na difusão de uma representação estigmatizante da juventude negra e pobre.

Apesar do direito à comunicação ser garantido a todos, os negros, de forma geral, não participam ativamente do processo comunicativo e não se vêem representados na mídia massiva. Quando são representados, como já mencionamos, muitas vezes, aparecem de forma preconceituosa e em papéis subalternos. Por isso, torna-se relevante a busca por iniciativas de valorização da cultura negra e de apropriação do direito à comunicação. Nesse sentido, o projeto *Comunicação para a cidadania: tecnologias, identidade e ação comunitária* (financiado pela Fapemig)[4], em especial a oficina de jornal impresso, busca contribuir para a valorização da identidade negra e para o exercício da cidadania dos jovens envolvidos. Antes de passarmos para a oficina, é importante refletirmos sobre a educomunicação, metodologia de trabalho usada com os jovens.

[4] O projeto foi realizado de dezembro de 2007 a abril de 2010, atendendo a 77 jovens em trabalho de educomunicação.

**Educomunicação**

A comunicação é uma das possibilidades para o exercício desse direito e dever, que é a participação, base para a democracia. Quanto a isso, Cicilia Peruzzo avalia que criticar a manipulação das grandes redes de rádio, televisão e impressos é pouco. É preciso ocupar espaços e se organizar para descentralização e reordenamento dos meios. Afinal, "eles são bens públicos, no sentido de que pertencem à União e, portanto, à coletividade, devendo, como tais, estar prioritariamente a serviço do bem-estar comum e não de pessoas ou grupos que detêm o poder de controlá-los" (Peruzzo, 1999:277,278). Nesse caminho, trabalhar a educomunicação é importante para a desmitificação dos meios e para a construção de alternativas de comunicação.

A proposta da educomunicação, embora já utilizada por Mario Kaplún, apenas recentemente vem ganhando notoriedade. Para Kaplún a educomunicação, termo cunhado nos anos 70, pode ser entendida como a Leitura Crítica dos Meios. Segundo o teórico, o sentido e a aplicação da comunicação é muito maior do que o modelo de massa ao qual os países da América Latina são expostos. Kaplún, ao enxergar que a comunicação não procede senão em um diálogo, foi ainda mais fundo e esboçou o que seria uma rede de comunicação, assim como sua eficiência.

Conforme o pesquisador, a comunicação tem o papel de formar e organizar as pessoas. Tal organização e formação são parte do processo de educar. Desse modo, ao longo de sua trajetória como teórico e defensor da educomunicação, Kaplún percebeu a intensa ligação entre essas duas ciências (educação e comunicação), que são interdisciplinares e indissociáveis.

No livro *Educomunicação e Mídias*, Rossana Viana Gaia (2001) cita Paulo Freire, autor que tornou sua prática pedagógica um ato político e destacou, reiteradas vezes, que a prática de ensinar deve ser sobretudo uma comunicação, um diálogo. Para Freire, a prática de ensinar não deve ser considerada transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados. Para Rossana Viana Gaia (2001), a mídia-educação, ou educomunicação, tem como meta educar criticamente para a leitura dos meios de comunicação. A autora destaca a importância de propor um exercício em que alunos e professores devem aprender a prolongar por toda a vida o desejo de manter-se informado, de aprender permanentemente, mas também de informar a outros, repassar informações e construir

conhecimento. Para Gaia, a reflexão permanente sobre o que é veiculado na mídia pode servir também para definir uma nova relação entre leitores, ouvintes, espectadores, internautas e empresas jornalísticas.

Barbero e Rey (2001), em *Os Exercícios do Ver*, também destacam a relevância de uma educação para a mídia. Segundo eles, é grande a importância da inserção da educação nos processos complexos de comunicação na sociedade atual.

A pesquisadora Cicilia Peruzzo (2006) aponta que o direito a comunicar-se através dos meios tecnológicos que a humanidade desenvolveu e colocou a serviço de todos é um dos aspectos fundamentais da cidadania. Em palestra proferida por Peruzzo, *Direito à Comunicação***,** realizada no 4º Encontro Regional de Comunicação, em Juiz de Fora, Minas Gerais, a pesquisadora fez um breve histórico sobre a evolução do direito à comunicação e sua relação com a comunicação comunitária mundial.

A palestrante destacou que desde 1960 a Unesco, Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, já trata do direito à comunicação. Mais de 40 anos se passaram e a comunicação continua sendo um direito pelo qual o cidadão comum precisa lutar.

Segundo a pesquisadora, a comunicação é um direito fundamental para a cidadania de qualquer indivíduo e tem aplicação ainda mais relevante na construção da identidade e na conscientização política da juventude. A seguir apresentamos como a oficina de jornal impresso do projeto Comunicação para a Cidadania trabalhou o tema negritude e de que forma os jovens exerceram o seu direito à comunicação.

## A negritude na oficina de impresso

A oficina de jornal impresso contou, no segundo semestre de 2009, com 15 adolescentes. Desses, nove são negros. Dos treze alunos que responderam ao questionário, oito são negros. O questionário pretendia levar os alunos a refletir sobre a relação entre negritude e mídia e verificar como compreenderam a fala da militante do movimento negro Adenilde Petrina Bispo. Ao longo da oficina os alunos demonstraram o interesse em falar sobre o tema da negritude, que já fazia parte do conteúdo de todas as oficinas. Em uma conversa informal os adolescentes foram convidados a falar sobre o preconceito racial. Inicialmente eles ficaram calados e tímidos. Porém um dos alunos resolveu falar. O jovem negro contou que foi perseguido por seguranças em um shopping Center de Juiz de Fora quando queria comprar um tênis. Ele disse que assim

que entrou no estacionamento o segurança começou a perseguição e não tirou os olhos dele nem por um minuto. O primeiro depoimento foi suficiente para causar polêmica e estimular novos depoimentos. Uma jovem relatou que ao perguntar o preço de uma sandália em uma loja de um shopping center carioca ouviu a seguinte resposta: "É caro demais para você"! É interessante reparamos como os shoppings centers parecem selecionar os "tipos" de clientes que querem.

Os adolescentes também participaram de uma palestra do professor Marcelo Paixão, que falou sobre a situação do negro na sociedade, e de uma conversa com Negra Gizza, rapper brasileira, que falou sobre rap, negritude, juventude e outros temas. Após esses eventos e tantos outros vivenciados no projeto e que causaram grande mobilização entre os jovens, percebemos a necessidade de trabalhar mais sobre o tema. No dia 27 de outubro, a militante do movimento negro de Juiz de Fora, Adenilde Petrina Bispo, foi à oficina para uma entrevista feita pelos jovens. As perguntas foram feitas por eles e de forma espontânea, ou seja, eles não foram pautados. A partir das respostas de Adenilde um grupo de adolescentes produziu uma matéria sobre preconceito racial para o fanzine Fala Galera!, produto final da oficina.

No dia 3 de novembro, já no mês em que comemoramos o dia da consciência negra, propusemos uma reflexão sobre a entrevista de Adenilde. Para isso, foram lançadas perguntas, respondidas por 13 jovens. É importante ressaltar que jovens brancos e negros responderam às perguntas. Seguem algumas respostas:

**Questão 1:** O que você destaca da fala de Adenilde?

**Jéssica:** "O que acho mais importante é que ela disse que temos que lutar para nos igualar aos brancos, lutar para alcançar o mesmo lugar na sociedade".

**Tairine:** "Destaco a história que ela contou de uma mãe que entrou na sala de aula e perguntou para Adenilde onde estava o professor, sendo que Adenilde estava na porta" (Adenilde é professora de história).

Podemos reparar aqui que os adolescentes, muitas vezes considerados "sem opinião" têm muito o que dizer, e que não são assim tão passivos. Observamos também como as experiências daqueles que sofrem preconceito deixam marcas e que ainda são numerosas.

**Questão 2:** Você discorda de algo que Adenilde disse? O quê?

**Mariana:** "Sim, eu sei que o preconceito existe que ele é muito forte, mas, em alguns momentos ela vê preconceito em coisas ridículas (não lembro agora)".

**Tairine:** "Sim, porque ela é a favor das cotas para negros e eu não aceito isso, nós negros temos a capacidade de competir com qualquer branco".

Há, nessa questão, alguns pontos a serem observados. Como a grande maioria dos adolescentes concorda com tudo o que Adenilde disse colocamos aqui apenas as respostas daqueles que discordaram com algo. Vale observar que apenas uma pessoa negra discordou de Adenilde. A primeira disse achar que Adenilde exagerou em alguns momentos, porém, não soube citar nenhum deles. A segunda, branca e aluna de escola pública, disse concordar com as cotas para alunos de escolas públicas, mas não vê a necessidade das cotas para negros. A terceira parece se ofender com o sistema de cotas para negros. A segunda e a terceira parecem desconsiderar dados históricos que justificam as cotas para negros.

**Questão 3:** Você acha que a mídia contribui para a existência do preconceito? De que forma?

**Marcílio:** "Sim, principalmente as novelas. Os artistas negros só ganham papel de pobre, escravo, bandido e corrupto".

**Érica:** "Sim, porque além de ter poucos atores negros, quando aparecem, na maioria das vezes, é empregado, ou seja, pobre... e com isso o povo vê o negro de uma forma diferente, pois a televisão reforça o preconceito".

Ressaltamos que ao serem questionados sobre a mídia, os jovens, na maioria, detiveram-se à televisão, que, sem dúvida, é a sua maior fonte de informação. Na segunda fala observamos que a jovem percebe o papel que a TV adquire na formação e fortalecimento dos preconceitos que circulam na sociedade.

**Questão 4:** De que forma a mídia retrata o negro?

**Caroline** "Sempre como o ladrão, o traficante, o pobre, o mendigo, o marginal, o vândalo, sempre como ruim".

**Érica:** "Como o alvo do preconceito, na mídia o negro só pode ser pobre e quando é rico, é safado e ladrão, ou sofre algum tipo de preconceito pelo branco. Como por exemplo, na mídia o negro não pode casar com o branco, quando casa é criticado".

Nenhum dos alunos disse que o negro é retratado de forma positiva, ou seja, os adolescentes não concordam com tudo aquilo que a mídia veicula. Todos apontaram a representação inferior que a mídia, em especial a novela, dá ao negro.

**Questão 5:** Como você acha que o negro deveria ser retratado na mídia?

**Edimar:** "Eu acho que o negro deveria ser retratado da mesma forma que o branco".

**Nádia:** "Normal. Igual aparece todo mundo. Porque ninguém diz: 'olha um branco fazendo isso, isso e isso'. Mas, todo mundo fala: 'tinha que ser preto'! Então, é isso, mas não somente com os negros, com os gayz, lésbicas, etc. Hoje em dia tem preconceito com tudo que é diferente".

Todos os adolescentes demonstraram a vontade de que a forma que o negro é retratado pela mídia fosse diferente. Essa questão foi a que teve as maiores respostas, ou seja, os jovens têm muito a propor. A palavra "normal" apareceu diversas vezes. Podemos inferir, portanto, que a vontade é que o negro esteja inserido na sociedade, em todos os âmbitos. Abaixo, apresentamos o texto produzido por adolescentes do projeto.

**Preconceito racial: um tema a ser discutido**

O preconceito racial é um problema que o Brasil sempre enfrentou. Casos de pessoas que sofrem com o preconceito acontecem todos os dias. Para que isso possa diminuir as pessoas devem discutir o assunto e se tornem mais conscientes.

O livro "Culturas e diásporas africanas" reúne textos de pesquisadores que discutem vários problemas que os negros enfrentam no Brasil. A obra foi organizada por Claudia Regina Lahni, Inácio Jose Godinho Delgado, Elizete M. Menegate, Danubia Andrade e Enilce Albergaria Rocha. Marcelo Paixão, autor de um dos artigos do livro, fez uma palestra na Casa de Cultura. A palestra falava sobre "Relações raciais, desigualdade social e desenvolvimento econômico no Brasil". Marcelo falou que 23,3% das mulheres negras têm emprego de carteira assinada. Já para os homens, o número é de 35,8%. Essa é a menor porcentagem entre 1995 e 2006. Sendo que as mulheres com emprego, na maioria das vezes, são empregadas domésticas.

Marcelo Paixão também trouxe dados da mortalidade no Brasil. Entre 1999 e 2005 o número total de homicídios entre pessoas brancas era de 15,2% e das pessoas negras era de 37,3%. Em 2006 essa taxa cresceu para 42,7%. Isso equivale a mais ou menos 172.626 mil pessoas negras e pardas mortas por homicídio no Brasil.

Marcelo falou sobre a representação no negro na mídia. "Eu acho que o negro é representado da mesma maneira que ele é nos seus conjuntos. A mídia não expressa a igualdade e nem invisibilidade, ela privilegia alguns momentos e esconde alguns problemas. A desigualdade é muita, porque poucos têm muito e muitos não têm quase nada!", explicou Marcelo Paixão.

Adenilde Petrina Bispo participa do Movimento de Mulheres Negras há mais ou menos 35 anos. Ela diz que a pessoa que sofre o preconceito não deve ficar chorando pelos cantos. A pessoa deve tentar entender o que aconteceu. O certo é fazer uma denuncia e exigir seus direitos, pois se revidar com brincadeiras ou

> violência o racismo não vai acabar. "Só na hora que a gente tomar consciência de que existe racismo é que a gente vai poder mudar as coisas", comenta Adenilde.
>
> Adenilde conta que a primeira vez que foi discriminada foi na casa de uma colega. Ela estava entrando no elevador social e o porteiro do prédio falou que ela deveria subir pelo elevador de serviço. "Isso me marcou muito e me levou a participar do movimento negro. No Movimento aprendi que todos são importantes e que da diversidade se faz a unidade" conta Adenilde.
>
> As cotas para negros em universidades públicas despertam muita polêmica. Adenilde acredita que elas são necessárias para diminuir as diferenças entre negros e brancos. "As escolas da periferia são diferentes das particulares. As cotas são importantes para tentar igualar." O preconceito deve ser combatido porque traz sofrimento e magoa as pessoas. Quanto mais o tema for discutido, será mais fácil conviver com as diferenças. (Caroline e Marcilio, Fala Galera, 2010)

## Considerações Finais

Diante da ainda existente desigualdade, em vários níveis, entre negros e brancos e do papel da mídia como disseminadora de preconceitos, consideramos de fundamental importância a reflexão sobre como os negros aparecem, e se aparecem, na mídia. Ainda mais importante do que tal reflexão é a busca de formas de avançar na construção de uma mídia mais democrática e menos preconceituosa. O primeiro passo pode estar nas iniciativas de educomunicação. Tais iniciativas podem contribuir para que cidadãs e cidadãos exerçam ou potencializem a leitura crítica da mídia e se apoderem de seu direito à comunicação.

A oficina de jornal impresso do projeto C*omunicação para a cidadania: tecnologias, identidade e ação comunitária*, através da educomunicação, buscou contribuir para que os jovens assumam uma postura mais crítica diante dos conteúdos midiáticos massivos, valorizem a identidade negra e exerçam o seu direito à comunicação, para assim, "virar a página" e mostrar que, muitas vezes, o que a mídia massiva divulga não é o retrato fidedigno de suas realidades e tão pouco a representação fiel de suas identidades. Os adolescentes foram os responsáveis pela produção do fanzine e, na tentativa de intervir o mínimo possível nesse processo, acabamos nos omitindo e não percebendo um problema no título da matéria: o preconceito racial não é um tema a ser discutido e sim a ser combatido. A edição do fanzine ficou sob a responsabilidade de duas bolsistas de graduação, que deram os títulos das matérias, e sob a supervisão das autoras deste artigo. Portanto, assumimos o erro do título como nosso. Mas, apesar desse erro, acreditamos que o texto é um exemplo de que quando esses jovens exercem o seu direito à comunicação, adotando uma postura crítica, eles

são capazes de assumir o papel de emissores de informação e abordar temas pouco abordados na mídia massiva ou abordados de forma estereotipada.

## Referências bibliográficas

ANDRADE, Danubia. *A personagem negra na telenovela brasileira: Representações da negritude em "Duas caras"*. Dissertação de mestrado. Juiz de Fora, UFJF, 2009.

ATHAYDE, Phydia de. **Um tiro no futuro**. Revista Carta Capital. Ano XII, nº 424, 20 de dezembro de 2006.

BORTOLIERO, S. T. . Mario Kaplún: biografia de um visionário. BORTOLIERO, IN: MARQUES DE MELO, José et al (orgs). **Educomídia. Alavanca da cidadania: o legado utópico de Mario Kaplún**. São Paulo: Cátedra UNESCO/UMESP, 2006. KAPLÚN, Mario. Producción de Programas de Radio: el guión – la realización. México, Editorial Cromocolor, 1994.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Consumidores e Cidadãos: Conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos**. São Paulo: Paz e Terra, 1984.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade.* Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

KAPLÚN, Mario. **Comunicación entre grupos** – El método de cassete-foro. Bogotá: Centro Internacional de Investigaciones para el Desarrollo, 1984.

_____. **Una pedagogía de la comunicación**. Madri: Ediciones de la Torre, 1998.

LAHNI, Cláudia Regina; FIGUEIREDO, Maria Aparecida Costa . O negro na TV visto por jovens afro-descendentes. In: Iluska Coutinho; Potiguara Mendes da Silveira Jr.. (Org.). *Comunicação & Cultura Visual.* 1 ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2008, v. 1, p. 117-134.

LAHNI, Cláudia Regina. et al. **A representação juvenil nos meios massivos – um estudo de veículos identificados como grande imprensa em Juiz de Fora**. In, INTERCOM SUDESTE, 2009, Rio de Janeiro. **Anais...**Rio de Janeiro: Intercom Sudeste 2009. 1 CD-ROM.

MAEQUES DE MELO, José; TOSTA, Sandra Pereira. **Mídia e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008, 111páginas, ISBN: 978-85-7526-350-1.

MURANGA, Kabengele. Construção da identidade negra no contexto da globalização. In: Ignácio G. Delgado (coord.); Enilce Albergaria; Glivan Ribeiro; Renato Bruno (Orgs.). *Vozes (Além) da África.* Juiz de Fora: Editora UFJF, 2006.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Mídia Comunitária, Liberdade de Comunicação e Desenvolvimento. In: INTERCOM, 2002, São Paulo. **Anais**...São Paulo:2002, p. 40-54.

_____. Comunicação como Direito. In: IV Encontro Regional de Comunicação, 2006, Juiz de Fora. *Palestra*. Juiz de Fora: 2006.

TRINTA, Aluizio Ramos. Identidade, identificação e projeção: telenovela e papéis sociais no Brasil. In: COUTINHO, Iluska, SILVEIRA JR., Potiguara Mendes da (Orgs.). *Comunicação: tecnologia e identidade*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

**Internet**

http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/datas/discriminacao/ontemhoje.html (*Síntese de Indicadores - 2000*, editada pelo IBGE). Acesso em: 20 de outubro de 2008.

SANTOS, Milton. *Ser negro no Brasil hoje*. Disponível em:http://www.antroposmoderno.com/antro-version-imprimir.php?id_articulo=527. Acesso em: 20 de outubro de 2008.

SILVA, Jaílson de Sousa e. *Juventude, favelas e os grandes meios de comunicação*. Disponível em: <www.fazendomedia.com/novas.com.br>. Acesso em: 20 fev. 2007. ISBN 151105.